

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Albertina Conceição Anjos**

registada em 2009-02-02  
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira



## **Albertina Conceição Anjos**

Albertina Conceição Anjos nasceu a 1 de Junho de 1938 na Malhada Chã, freguesia do Piódão, tem 71 anos. Filha de Manuel Francisco e Rosária da Conceição. O pai fazia carvão e a mãe “olhava por a gente, fazia o comer e trabalhava no campo”. Eram seis irmãos. Da infância recorda as roupas que a mãe lhe fazia e das primeiras tamancas que teve, já era mulher. “Era engraçado. Nem sabia andar nelas.” Começou a trabalhar ao 7 anos na “serra a guardar as cabras”. Aos 10 anos já ajudava os pais no trabalho de campo. Nunca foi à escola mas “tinha muita pena de os meus irmãos irem à escola, de saberem ler e escrever e de eu não ser assim”. Casou-se há 51 anos e teve uma filha. Depois de casada trabalhou como resineira.

# Índice

Identificação Albertina Conceição Anjos.....	4
Ascendência "Não havia quem desse um tostão a ganhar".....	4
Casa "Era assim que a gente vivia".....	5
Infância "Andava a gente descalça e com a roupa toda esfarrapada".....	6
Educação "Agarrei-me de vontade e aprendi a ler".....	9
Religião "O domingo era respeitado".....	10
Namoro "Nem beijos nem nada".....	10
Casamento "A chanfana era o rei da festa".....	10
Descendência "Toda a gente nascia em casa".....	11
Percurso profissional "Não havia onde se ganhar a dinheiro".....	12
Costumes Os dias de festa da freguesia.....	15
Lugar Um lugar chamado Benfeita.....	18
Avaliação "Para saberem como é que se vivia primeiro".....	21

## **Identificação *Albertina Conceição Anjos***

O meu nome é Albertina Conceição Anjos. Nasci a 1 de Junho de 1938 na Malhada Chã, freguesia do Piódão. Tenho 71 anos.

### **Ascendência "*Não havia quem desse um tostão a ganhar*"**

O meu pai era Manuel Francisco Júnior e a minha mãe era Rosária da Conceição. Ele era da Malhada Chã e ela era do Tojo. Trabalhavam na agricultura.

O meu pai trabalhou também na serra a arrancar cepas e fazia carvão. Era onde ganhavam alguma coisa para o pão, para os filhos. Arrancavam as cepas. Depois faziam uma cova e punham-nas para lá a arder e, conforme elas iam ardendo, assim iam tapando, tapando. E, quando chegavam ao cimo, já tinha ardido as cepas para fazer o carvão, é que tapavam e ao outro dia iam tirá-lo. Depois ensacavam-no e iam nuns machos - chamavam os almocreves. Vinham, então, os homens próprios que negociavam naquilo. Iam lá buscar o carvão e levavam para depósitos, para depois venderem. Depois iam levá-lo para Lisboa para acenderem os fogareiros. E era assim. Havia muita gente a fazer isso. Era, naquele tempo, o que rendia para ganharem alguma coisa. Era da fonte de rendimento que eles viviam. Agora não me lembro. Eu era miúda e não sei quanto é que é que custava. Mas era aí uns 20 escudos cada saco ou nem isso. Sacas grandes. Outros iam para as Minas da Panasqueira trabalhar para ganhar dinheiro. Era assim que eles viviam.

A minha mãe olhava por a gente, fazia o comer e trabalhava no campo. E trabalhou muito, coitadinha.

Vimos para o Pai das Donas tinha eu 7 anos. Lá em cima, na Malhada Chã, aquilo era muito pobre. E o meu pai veio para ali para amanhar terras doutras pessoas. Chamavam caseiros. E depois comprou lá uma casa, comprou uma fazenda e a gente ali ficou.

Éramos seis irmãos, nós os filhos. O mais velho era o Horácio. A minha irmã era Benvinda. Era outro, o Manuel, sou eu e é um outro irmão meu. E morreu uma com 17 anos com um tiro, umas brincadeiras dum colega. Quando o meu pai morreu, ainda o meu irmão mais novo não tinha 1 ano e faltavam três dias para a minha irmã fazer os 18 anos. Morreu. Foi um ataque cerebral. E o dia em que o meu pai fazia 59 anos morreu-me esse irmão mais novo, no dia 21 de Fevereiro.

E foi uma vida de muitas, muitas dificuldades para a minha mãe. Não havia quem desse um tostão a ganhar. Não havia quem ganhasse nada, era só miséria e a gente passava mal. Dizem que agora está mau. Nunca estive como agora está! Depois cada um esgravelhou para onde pôde. Tínhamos lá a mãe-galinha que nos dominava para aqui e para ali e assim foi a vida, difícil. A gente respeitáramo-la sempre. Mesmo os meus irmãos eram homens e respeitavam-na sempre. Havia filhos maus, que tratavam mal os pais. A gente não. Tratávamos sempre bem a minha mãe. Toda a gente se admirava. Por isso é que eu digo que era uma mãe-galinha. A galinha chama os pitos para ela. Ela também era assim, coitadinha.

### ***Casa "Era assim que a gente vivia"***

A casa onde nasci era só de pedra. Não era como agora, confortáveis. Arrancavam as pedras numa pedreira e os pedreiros faziam a casa. Depois arrancavam lajes e punham por cima: era o telhado. Não havia telhas. Lá dentro, faziam uns quartos, umas divisões também com pedra. Tinha três quartos: um para o meu pai e para a minha mãe, outro para os rapazes e outro para mim e para a minha irmã. Os rapazes dormiam uns com os outros e eu dormia com a minha irmã. Andávamos por lá, por um lado e por o outro. Também tinham, chamava-se, um bacio. A gente fazia ali quando era de ´ e de manhã ia-se despejar e pronto. Para tomar banho, era numa bacia, num alguidar. Primeiro não havia alguidares de plástico, era em gamelas de pau. Ai banho! Punha-se ali a água e a gente lavava-se. Não é como agora que têm todos os confortos. E era assim que a gente vivia.

Havia lugar para os animais, porque nas fazendas havia, chamava a gente, um curral. E o gado metia-se ali. De manhã iam-se soltar, iam para o campo, e à noute tornavam a vir lá para o curral para dormir. Uns ficavam perto, outros ficavam longe. Era conforme. Ainda era longe as terras! Tratávamos uma fazenda que o meu pai comprou lá na serra que chamam à Deguimbra. Era lá mesmo em cima. E a gente tínhamos que ir para lá todos os dias. De manhã, soltávamos os animais, semeava-se e andava-se lá a regar o milho. E à noite regressávamos a casa. Mas também tínhamos uma casa lá na fazenda, na quinta. Quando às vezes, no Verão, dormíamos lá no feno, na palha! E tínhamos e em mais lados. A gente dormia lá. O gado estava por baixo, no curral, e nós dormíamos por cima. E dormíamos bem. Então não dormíamos? A gente éramos novos, andávamos de dia cansados com o trabalho, o que queríamos era dormir. Eu, às vezes, já tenho dito:

- Ora, não me dar assim um sono como quando eu era nova, que queria dormir e não me deixavam, que me chamavam cedo para ir trabalhar.

---

## **Infância "Andava a gente descalça e com a roupa toda esfarrapada"**

E assim foi a gente criada. Aprendêramos com os meus pais e primeiro era uma vida difícil. Não é como agora. Não havia roupas nem calçado. Andava a gente descalça na neve e com a roupa toda esfarrapada. Era conforme se podia. Quem nos fazia a roupa era a minha mãe. Até fazia as calças para os meus irmãos. E, quando eles eram pequenos, fazia-lhe as calças e deixava-lhes uma rachadela de trás. Era engraçado. Eles, quando queriam fazer o que lá era preciso, aninhavam-se por baixo... Não era preciso andarem a baixar as calças, coitados. E andávamos descalços! Já era crescida, já uma mulher, quando me compraram umas tamancas. Nem sabia andar nelas. Eu já era uma mulher quando me compraram as primeiras cuecas! Andávamos com o rabo à mostra. Era assim. Agora é tudo muito bonito, têm tudo. Nasce um menino, nasce logo uns sapatos, nasce a roupa toda. Antigamente, não era nada. E hoje muitas pessoas dão roupa. A gente nunca teve ninguém que nos desse nada. Fazia-se um buraco e a minha mãe remendava. Punha ali um bocado, depois punha outro mais além. Às vezes a roupa era feita de bocados.

### **"Uma roupa assim mais tal"**

*Por a festa, havia uma roupa assim mais tal. Era só uma vez ou duas por ano. Só nesses dias assim mais festivos é que a gente vestia a roupa melhor. Ainda me lembro uma vez. Até é uma vergonha estar a contar isto. Foi na Malhada Chã. Era miúda e o meu pai disse-me:*

*- "Olha, vai lá em baixo e vai deitar a ceia ao gado."*

*Eu trazia uma saia de "sarrobeco". A chover aquilo até arranhava as pernas. O que é que eu faço? Deitava-me na água, para me molhar toda, para chegar a casa a ver se me vestiam um vestido novo. Ora depois, quando eu cheguei a casa, ainda me vestiram outro mais velho!*

### **"Queria comer um bocado de pão e não o tinha"**

É para saberem como foi a vida difícil. Muito difícil que foi. A gente, às vezes, queria comer um bocado de pão e não o tinha. Não havia como agora, que compram carnes, compram tudo. A gente é que criava o porquito, mas era para

durar para todo o ano. E depois, para se comprar o outro porquito que havia de vir, tinha que se vender, chamava a gente, o "palaio"<sup>1</sup> e a "cagueira" do porco que é aquelas partes mais grossas. E vendia-se um presunto. Ora a gente não comia aquilo e muito mais? E isto para arranjar o dinheiro para comprar depois o outro porquito que havia de vir para o curral. Era triste, era muito triste. Naquele tempo, semeava-se batatas, tínhamos feijão e a minha mãe fazia panelas de sopa. E a gente comia sopa e comia broa. Havia dias de comermos três broas grandes. Ia um, partia um bocado, outro partia outro. Comia-se a broa com a sopa e assim vivêramos. E tínhamos saúde. Hoje é que não a temos.



**A broa a sair do forno**

### **"A gente não tinha vagar de brincar"**

Éramos miúdos, lá íamos ajudar na agricultura. Desde os 7 anos que eu comecei a trabalhar. Eu e os meus irmãos. Tinham um rebanho de gado e íamos para a serra guardar as cabras. A gente e mais pastores. Cada um tinha o seu rebanho. E, às vezes, a gente levava uma roçadoira e uma cordita e ainda lá roçava um coisito de mato e trazia-o às costas para deitar no curral das cabras. E à noute vínhamos. Cada um ia para o seu destino... Aí com 10 anos, era também trabalhar no campo a ajudar os meus pais, a fazer o que eu podia fazer. E no campo é que era o trabalho mais difícil. Primeiro tínhamos que tirar um "goirado"

<sup>1</sup>paio

de terra e levá-la para o fundo. Cavava-se a terra e depois é que se semeava o milho ou o feijão.

A gente não tinha vagar de brincar, porque vínhamos de noute para casa e ao outro dia íamos de manhã para o campo, para trabalhar. Não tínhamos vagar de brincar muito. Eu nunca tive uma boneca para brincar. Então, a gente não tinha com que os fazer. A minha irmã parece que ainda fez assim uma boneca com trapos. E era com um trapo dentro de uma meia que jogavam na bola. De resto, nunca tive como agora têm tudo. A gente não tinha nada.

Mas tinha um irmão que sabia tocar. Era o meu irmão mais velho. Tocava guitarra. E à noute, às vezes, tocava lá um bocado. Eu, quando o ouvia tocar, lá estava eu ao pé dele para cantar. Cantava, gostava muito de cantar. Agora já não me lembram as cantigas, mas andava a gente sempre a cantar.

E brincávamos uns com os outros. Com as pedras fazíamos assim um curral. Púnhamos-lhe um telhado e a gente brincava assim com aquelas coisas. Era os nossos brinquedos.



### **Marcelo Gonçalves (marido de Albertina Anjos), a pastar as cabras**

#### **"Os outros pastores partiam-me a cabeça"**

*Antigamente iam muitos pastores levar o seu rebanho. Agora é que não há nada, mas naquele tempo havia muitas crianças. Cada um guardava as suas, mas depois juntavam-se todas. Andavam assim à solta. Os outros pastores, que eram mais velhos, iam brincar lá uns com os outros e mandavam-me ir guardar as cabras, que elas iam para longe. Mas o gado fugia lá para um lado e para*

---

*o outro e eu é que tinha que lá ir voltá-las para não irem para os milhos ou comerem o que era dos outros. E quando eu não ia partiam-me a cabeça. Às vezes, chegava a casa com a cabeça toda partida.*

*Uma vez, andava eu a guardar o gado. Foi na Malhada Chã. Se a gente foi para ali, ainda não tinha 7 anos, era mais pequena. Cheguei lá e andavam dois lobos a levar o gado para a serra. Na altura, havia muitos lobos. Andava o gado na serra e eles apareciam nos rebanhos. Faziam assim: um ia ali para além e outro vinha aqui para aquém. Depois iam a correr com elas para a serra. E chegando lá à serra, matavam-nas. Cortavam por baixo na goela, furavam-nas e elas morriam. Eu depois chamei-os. Disse-lhes que vinham lá os lobos:*

*- Não vão lá ver das cabras, não, que os lobos andam lá com elas.*

*Mas eles não se quiseram crer. Depois ainda mataram duas ou três. Eu era pequenina, fugi. Quando o lobo aparecia, corria-se com ele para onde se podia. Mas eu era "pequenelha"... Eu é que era a "moleca" e mandavam-me a mim guardá-las. Quando eu não ia, os outros pastores partiam-me a cabeça. Tenho aqui uma data de costuras que me fizeram eles a baterem-me.*

## **Educação "Agarrei-me de vontade e aprendi a ler"**

Eu nunca fui à escola. Então, não me mandavam ir. Primeiro não era obrigatório e eu não fui. Mas os meus irmãos todos foram à escola. Quando chegavam a casa, tinham que fazer os deveres. Contavam que, às vezes, lhes batiam. Quando eles as mereciam, o professor arreava-lhes. Até lhes punham umas orelhas de burro. Faziam em papel umas orelhas e punham-lhes na cabeça para os castigar. Era para dizerem que eram burros! Outras vezes, punham-nos de joelhos numa janela para as pessoas da rua verem que eles estavam de castigo. Antigamente era assim. Mas eu punha-me a olhar e tinha pena de eles saberem e eu não saber. Tinha muita pena de os meus irmãos irem à escola, de saberem ler e escrever e de eu não ser assim. Eles liam jornais, liam livros e eu olhava e não lia nada. Ficava triste.

Mas depois aprendi. Agarrei-me de vontade e aprendi a ler. Na Benfeita, havia assim rapazes jovens, mais ou menos da minha idade, que andavam na Universidade. Então, mandavam-me jornais de Coimbra, dum lado e doutro e faziam-me cópias. Eu pegava nos cadernos e nos livros deles e começava a ajuntar as letras. Assim aprendia lá da minha ideia. Comecei a ler sozinha! É que eu depois andava ao dia fora - quando andava a trabalhar para as outras pessoas - e à noute, no fim de estar tudo sossegado, sentava-me numa cadeira e estava lá a ler lá para ajuntar as letras. Com aquela curiosidade, começava ali a ajuntar e

a soletrar as letras. Muitas das vezes, a minha mãe vinha dar comigo e eu com a cabeça deitada em cima da mesa a dormir. Ficava com o sono e dormia. Mas ficava lá para aprender. Tinha pena de não saber e aquela vontade de aprender.

Hoje leio. Faço o meu nome e leio. Foi a coisa melhor que eu fiz na minha vida. Foi aproveitar aquele tempo, que gostava muito de ler, de saber as coisas. Mas eu a escrever nunca me aperfeiçoei. Não era da minha tendência. Era só para ler. Mas consegui e hoje leio uma carta.

### **Religião "*O domingo era respeitado*"**

Nunca fui à catequese, mas sou católica. Gosto. Todos os domingos, ouço a missa, tenho e leio a Bíblia. Mas nunca fui à catequese. A mim nunca me obrigaram e eram poucas as crianças que iam. A gente tinha que ir tratar dos animais lá para a serra. Não havia tempo de vir para a catequese. Ao domingo não. O domingo era respeitado. Quando já estava a morar no Pai das Donas (uma terra em cima da Benfeita que até se vê dali da estrada), vínhamos à missa à Benfeita. Mas as coisas dos animais ou para regar a água tinha que se fazer.

### **Namoro "*Nem beijos nem nada*"**

Conheci o meu marido na Benfeita. Ele ia muita vez a minha casa com os meus irmãos e o meu pai era muito amigo do pai dele. E assim foi. A gente se começou a namorar. Teve que ir pedir aos meus pais se podia namorar ou não. E não havia beijos como há agora! Agora começam a namorar, começam logo a beijarem-se e, por vezes, ainda a fazerem outras coisas. Antigamente, não, senhor! Era só no dia do casamento. Ao mais não havia nada para ninguém, nem beijos nem nada. O namoro era a falar um com o outro e pronto. E não era preciso estarem acompanhados. Para quem se dá ao respeito não é preciso. Hoje é que não. Não é assim, é doutra maneira. Namorámos aí uns dois anos. Depois ele disse que queria casar comigo e tratou-se do casamento.

### **Casamento "*A chanfana era o rei da festa*"**

Casáramos e já há 51 anos! Hoje não há casamentos assim. Convidou-se os convidados e viéramos aqui à Benfeita. Fôramos a pé aqui à igreja. Levava um vestido branco! Foi uma costureira que havia nas Luadas que o fez. Não é agora aqueles vestidos de luxo. Comprou-se o pano e ela lá o fez. Era um vestido

---

branco comprido, um véu e uns sapatos. E o meu marido foi com calça preta, casaco preto, uma camisa branca e uma gravata preta.

Então, fizéramos um banquete para as pessoas, para os convidados e reuniram tudo numa sala. Fez-se lá o almoço. Já lá vão 51 anos, mas lembro-me que a chanfana é que era o rei da festa. E eu faço-a bem. Mata-se o borrego e depois deixa-se estar a carne dependurada até ao outro dia. Depois corta-se aos bocados e tempera-se. Põe-se-lhe sal, um bocadinho de piri-piri, cravinho, ervas aromáticas, salsa e serpão, um bocadinho de colorau e eu ponho-lhe vinho também. Mexe-se aquilo bem mexido e fica a marinar de um dia para o outro. Ao outro dia vai para o forno. Eu faço a chanfana assim.

Naquele tempo, não havia pudins nem havia nada. Era só o arroz-doce e aigelada. Fazia-se com leite. Aigelada é assim: batia-se os ovos bem batidos. Depois punha-se-lhe o leite e o açúcar. Com uma colher de pau batia-se. A gente batia, batia, batia até ela ficar boa. Uns batiam-na mais bem batida. Era conforme. Mas a gente levantava a colher por cima e ela pingava por baixo. Quando ela ficava a fazer fio em cima da outra, estava boa para ir para o forno. No fim de estar aquilo bem batido, está o forno quente, punha-se lá dentro. E o forno é que dá lá conta dela, é que a põe a ferver e é que ela fica boa. Mas criava sempre uma côdea rija por cima. Tostava. A gente depois, quando a tirava do forno, tirava aquela casca e ficava aigelada amarelinha por baixo. É mesmo boa. E o arroz-doce punha-se a ferver na panela com um bocadinho de água. Depois vai-se-lhe pondo o leite, põe-se-lhe uma casca de limão e põe-se-lhe o açúcar. Vai-se mexendo até estar no ponto, até estar bom. Aqui no Centro Paroquial da Benfeita, quando a gente vai aos convívios, fazem um arroz-doce que é uma delícia.

## **Descendência "*Toda a gente nascia em casa*"**

Casei-me, tive logo a filha. Tive-a em casa. Foi a minha mãe e uma cunhada minha que me ajudaram. Era tudo assim. Não é como agora. Alcançam os filhos, começam logo no médico, a tirar ecografias e isto e aquilo. A gente não, nunca foi ao médico. Andavam na barriga, lá nasciam, lá se criavam e pronto. Ainda me lembra. Quando a minha filha nasceu, veio lá um pássaro. Chamam uma coruja. Veio lá estar a cavar em cima do telhado, a berrar. E, quando elas fazem assim, diz que morrem as pessoas. Então, a minha sogra ficou aflita, que morria a menina ou eu, e foi lá andar às pedradas à coruja. Mas, naquele tempo, toda a gente nascia em casa. Até havia uma parteira, uma mulher curiosa que ia fazer os partos. Diziam-lhe:

- "Olha, vem lá que a minha filha ou a minha nora ou assim está para ter o bebé."

---

E essa pessoa curiosa ia lá e fazia as coisas. Em cada terra havia sua, mas nas Luadas chamavam-na Piedade.



**Marcelo Gonçalves e David Santos (marido e neto de Albertina Anjos)**

### **Percurso profissional "*Não havia onde se ganhar a dinheiro*"**

Na aldeia, quando a gente já era mais crescida e quando aparecia, chamava a gente, um dia fora, a gente lá ia trabalhar. Uma pessoa precisava e vinha:

- "Olha, ó Rosária, manda-me lá a tua rapariga ou o teu rapaz!"

E a gente lá ia. Ganhava 7 e quinhentos por dia a carregar terra e estrume para as fazendas. Tinha aí alguns 8 ou 9 anos. Para onde eu ia, as velhotas - era para as velhotas - enchiam a terra numa cesta e ajudavam-me. O caminho era bem ruim e já lá estava ao pé delas! Quem me dera poder como podia naquele tempo.

Mais tarde casei-me. Então, ia para os pinheiros. Levava o caixote, as bicas e as estacas e ia com elas às costas para o pinhal meter as bicas nos pinheiros. Primeiro, ia com um ferro desencarrascá-los, tirava-lhe a côdea. Mas não era toda, era assim um bocado. E depois é que se ia pôr as bicas, as estacas e os púcaros. No fim de estar aquilo, ia-se com um ferro, um ferro assim próprio. Tirava-se-lhe um bocadinho, dava para 15 dias. E tinha uma coisa que chamavam botija. Punham aquele líquido naquele bocado que tiravam e depois, em 15 dias, a resina estava a cair para o púcaro e o púcaro enchia. Às vezes, aquele pinheiro que dava mais resina tinha dois púcaros. Iam lá renovar e punham-lhe outro

púcaro. Depois iam com uma lata, de 20 ou 25 litros, de pinheiro em pinheiro para colher a resina. Havia, então, uns barris grandes. Vinham-na despejar aos barris. E ganhavam 25 escudos para andarem a carregar a resina e a colhê-la de cada barril. Levava aí algumas oito ou nove latas. Eram 200 litros para ganhar uma miséria. E a resina ia para as fábricas e lá era destilada. Dali é que saía o alcatrão, a aguarrás e essas coisas. Mas praticamente era só eu que andava na resina. Outras mulheres não havia. A necessidade obrigava a gente. Pois, a vida estava difícil e não havia onde se ganhar a dinheiro.

Também trabalhávamos no campo. Depois, para criar a filha, não a criei ao peito, que ela não quis. Eu ia para a fazenda com ela e levava-a num berço. Quando lá andava um bocado, ela queria comer, queria o leite. Então, eu tornava a vir lá de longe com o berço. E eu fui sempre muito reles de carregar à cabeça. Para vir a casa e arranjar-lhe o leite, trazia-a assim ao ombro. Depois tornava a ir com ela para lá para a fazenda, para a agricultura. Era triste...

### **Desejo de emigrar por uma vida melhor**

O meu marido também trabalhou nos pinheiros e na exploração da resina. Ia para a floresta. Primeiro, havia a floresta. Eram as plantações dos pinheiros quando o Estado começou a apanhar as serras. Iam lá recortar o mato e plantar os pinheiros. Também ainda lá andou, mas foi mais na resina e na agricultura. Depois foi para a França. Foi um malandro, que os passava para lá, que lá apareceu. Dizia para o meu marido e para o meu cunhado:

- "Eh pá, está agora bom na França! Vamos lá que eu levo-te e tal e arranjo-te emprego!"

Era o passador. Ele era da Malhada Chã. Vinha buscá-los e levava-os. Foi em 1964 que eles foram. Mas chegou lá, deixou-os, veio-se embora e eles lá ficaram. Eles que se desenrascassem. Quando iam no caminho, eles já lhes tinha dito:

- "Ai, já venho aqui há muitos anos e nunca cá vi a árvore das patacas."

O que ele queria era o dinheiro para andar a carregá-los para a França ou para um lado qualquer. Chegavam lá, largavam-nos, vinham-se embora e eles ali ficavam de boca aberta.

Depois o meu marido foi andar a cortar árvores aonde foi um grande combate da Guerra de 1914. Aquilo que era só ossadas das pessoas que morreram e ali ficaram. Nem os enterraram nem nada. O meu cunhado ficava em casa. Depois, para ele ganhar também alguma coisa, dizia-lhe:

- "Ó Prata, vai agora lá tu andar dois dias."

Foi ao meu marido que convidaram. Mas ele tinha pena dele e eles lá andaram dois meses e tal, perto de três, naquilo. A gente telefonava e escrevia-lhes. Mas depois não conheciam nada, não sabiam falar, andavam até que tinham de vir. Não lhes fizeram papéis, não lhes deram trabalho, vieram-se embora. Era preciso ter uma pessoa encarregue que lhe fizesse a papelada, não é? Porque hoje também não vão trabalhar assim sem mais nem menos.

Para lá iam de carro, mas para cá vieram de comboio. O meu até veio debaixo dos bancos do comboio, quando passavam nas fronteiras. Tiveram que pagar a viagem, mas vinham assim. Era por causa da polícia e porque eles não tinham papéis para vir. E, se a polícia, os revisores, essa coisa os apanhasse, prendia-os. Não podiam aparecer a eles. As pessoas que sabiam é que lhes diziam quando chegavam àqueles pontos:

- "Olha que agora aqui vocês têm que se esconder!"

- "Ponha-se agora!"

Lá se escondiam. Um cunhado meu era mais alto, mais forte. Ia para a casa de banho. O meu é mais baixo, escondia-se debaixo dos bancos, um dum lado, outros dos outros. Punham-lhes assim uns casacos, lá os tapavam e eles lá vinham. Por Deus, não foram apanhados. Mas, quando era para passarem na porta para os "revisarem", eles tinham que fugir por outra porta e irem dar uma volta grande. Mais tarde é que apareciam, é que lá conseguiam entrar.

Chegaram ali às Luadas no dia 1 de Abril que era o Dia das Mentiras. Depois uma filha do meu cunhado, minha sobrinha, foi-me chamar:

- "Ó tia! Anda! Ande que o tio e o meu pai já vieram!"

Eu andava lá numa fazenda, longe. Disse:

- Oh, sorte!

Não foi uma alegria. Até foi uma tristeza. Eu gostava era que arranjassem trabalho e que a vida melhorasse. Mas ele ainda veio de lá naquele tempo com um dívida de 12 contos. Mas ganhava-se pouco. E depois para arranjar os 12 contos? Problemas. A gente a julgar que era melhor, que iam lá governar a vida e iam mas era desgraçá-la mais. Quando foram para lá, tivemos que pedir o dinheiro. Não sei se foram 8 contos que o passador levou a cada um. Andava a minha filha na escola, fiquei com 10 tostões e com aquela dívida em cima! E depois, para cá, também teve que o lá pedir. Depois, é claro, teve que se lhe dar. Pessoas amigas.

Eu toda a vida vivi numa miséria. Tinha que trabalhar para criar a filha. Amanhava as fazendas e tratava dos animais. Bem, ela já andava na escola. Então, às vezes, eu ia ao dia fora ganhar alguma coisa, quando aparecia. Mas não aparecia a quem precisasse, porque tudo fazia o seu. Oh, vida triste! Nem aparecia quem desse o dinheiro a ganhar.

---

Depois houve lá um homem que disse para o meu marido ir para Moçambique. E bem veio logo o 25 de Abril, teve que se vir embora. Foi só gastar dinheiro naquelas viagens para nada. Foi assim a vida, a nossa vida triste.

## **Costumes *Os dias de festa da freguesia***

### **Divertimentos dos antepassados**

Recordo-me do Dia dos Compadres. Já acabou a tradição. Os compadres faziam dois papéis. E depois tiravam dois papéis. O das mulheres e dos homens. E punha-se um num saco, outro noutra. Agora, uma hipótese: estava aí um saco e estava outro. Eu ia, tirava um papel. Outro ia, tirava outro papel. E aquele papel que tirava um e o outro eram os compadres. Se calhava com outro, ficávamos compadres! É só uma brincadeira.

No São João, agarram num gato, fazem um mastro e põem-lhe palha pelo mastro acima. Enterram na terra, atam um cântaro ao cimo do mastro e o gato está lá dentro. Depois põem-lhe o lume por baixo. O lume vai ardendo, ardendo, chega lá em cima, arde, cai o cântaro para baixo, foge o gato! Vai o gato a fugir e não se queima! São tradições. É um divertimento já dos antepassados.

Na altura das colheitas, íamos descascar o milho. E depois, se aparecia uma espiga preta, iam dar um abraço a cada um. Era um chi! Os rapazes iam abraçar as raparigas naquelas desfolhadas. Tudo andava a ver onde é que apanhavam a espiga preta. Era o milho-rei. Nessa altura, a gente falava:

- "Olha, hoje descasco o meu milho. Vais-me lá ajudar?"

Depois, ao outro dia, íamos aos outros. Era assim. Agora já é pouco, cada um descasca o seu. Já não há milho. Não há a bem dizer nada. E as tradições agora já são diferentes. Antigamente é que era mais tal.

### **"Toda a noute a dançar"**

Em todas as terras, há um dia de santo. E naquele dia fazem a festa. Aqui na Benfeita é a festa do dia 15 de Agosto. Era em honra da Senhora da Assunção. Ai, tanta vez aqui vim! Ia o padre, vinha a música e dava uma arruada por as ruas. Depois faziam a procissão. Enfeitavam os andores e saía a procissão. Davam uma volta, iam por aqui, lá por além, por cima e recolhiam outra vez. Iam pôr os santos no lugar deles. Naqueles dias, ajunta-se aí muita gente e os homens levam os andores.

---

Antigamente faziam aí bailaricos e tudo. E até hoje ainda há, quando fazem. Ajuntavam-se, ali no Areal, a tocar e a dançar até de noute. Mas não é de rock nem de nada. Agora é daqueles músicos como há no Barril, em Côja, em muitos lados. É aquelas bandas de música, é os conjuntos, é tudo assim. Mas, naquele tempo, era a toque de uma concertina ou de uma guitarra que faziam a festa. É diferente. Eu ia sempre! Pois não dançava? Havia sempre liberdade para a gente ir dançar. Iam chamar as raparigas e iam dançar! E, se às vezes dançavam duas raparigas, combinavam dois rapazes e iam lá ter com elas. Era a despartar. Cada um dançava com sua. Às vezes, até pediam as raparigas em casamento e aí namoravam. Umás vezes, deixava-se, outras vezes, casavam-se. Quando íamos daqui para cima da Aldeia das Dez, havia lá uma romagem que era a Senhora das Precês. A gente arranjava lá namoros todas as vezes que lá íamos. Andávamos toda a noute a dançar com os rapazes. E depois nunca mais os víamos... Era assim a antiguidade. Agora já não é assim.

Mais tarde, minha filha já era nascida, formou-se um rancho nas Luadas. E a gente íamos cantar às terras, às festas. Chegávamos ali ao pé da igreja, formávamos ali em frente e dizíamos assim:

*Aqui vem um povo humilde  
À presença de Jesus  
Pedir amparo na vida  
Para levar sua cruz.  
Depois ao terminar  
Os passos que deu na terra,  
Porque no Céu vai encontrar  
A glória por que espera.*

### **"Era um ano que se demorava a criar um porco"**

Todos os anos, em Dezembro, se mata o porco. Ainda este ano matei um. Veio cá a filha, os netos e o genro e matou-se o porco. Mas é o meu marido que lá o cria e lá o mata. É o homem sempre. O meu marido matava, o meu sogro matava e mais homens matavam o porco. Agora já é pouco que fazem, mas eu ainda tenho feito todos os anos. É só para a família. Cada um cria para si, porque aquilo ainda fica muito caro. A gente dá aí 25, 30 contos por leitãozinho. E depois para o criar até ele ser grande? É com abóboras, milho e couves. Mas também compra-se-lhe uma ração. Ficam caros. E antigamente era um ano que

se demorava a criar um porco. Agora criam-se mais depressa, mas não serão tão grandes.

No dia da matança, chamavam quatro homens ou cinco. Então, agarravam-no, prendiam-no ao banco, ia um com a faca e matava. Queimavam-no com umas carquejas, lavavam-no e depois dependuravam-no. Depois abriam-no, tirava-se-lhe as tripas e tudo e iam cortando. Ainda hoje é assim.

As mulheres apartavam as tripas e iam lavá-los. Depois migavam a carne e faziam-se as chouriças. Ainda este ano as fiz. As chouriças vão-se lavar. Ficam assim ainda compridas. Então, a gente corta à medida como quer as chouriças, se a quer grande, se a quer mais pequena. Ata-a numa ponta e tempera-se a carne. Está dois ou três dias temperada nuns alguidares. Põe-se um bocadinho de vinho, colorau, pimenta... e deixa-se estar lá a remolhar. No fim, vai-se vendo se ela tem sal. E depois há umas enchedeiras. Mete-se na chouriça e toca a botar a carne lá para dentro. Em estando cheia, ata-se. Põe-se ao fumeiro e seca-se. É no caniço. Há uma fogueira. A gente põe-lhe lenha, pendura-as assim por cima e elas estão a secar aí oito, 15 dias, conforme o tempo que quer. Se lhe derem mais lume, secam mais depressa. Se lhe derem menos lume, demoram mais.

Mas os presuntos, as pás e a outra carne punha-se no sal. Bota-se sal lá numas arcazinhas e vai-se dali tirando no fim de três meses, três meses e tal. Depois a gente levanta os presuntos, lava-os e prepara-os. Põe-lhe colorau, põe-nos a secar e cura-o assim. Fica curadinho. Quando a gente quer, vai, corta uma febra, põe-a com o pão e come. É muito bom.

### **"Dê-me ao menos uma chouriça!"**

Cantavam muito antigamente! Davam volta à ruas a cantar e a pedirem as Janeiras. As Janeiras é as chouriças. Eram os homens lá da terra que andavam a pedir. Arranjavam uma tocata, viola e guitarras. Então, traziam uma vara e iam andar a pedir as Janeiras. Batiam às portas e cantavam assim:

*Alevante-se minha senhora  
Do seu assento de cortiça  
Se não tiver nada que me dê  
Dê-me ao menos uma chouriça!*

E a pessoa vem e dá-lhe uma chouriça. Davam sempre. Depois fazem uma patuscada. Cozem as chouriças e comem. Era bonito. Agora é que já não é assim.

## **Lugar *Um lugar chamado Benfeita***

Antigamente, era Valverde que chamavam à Benfeita. Havia aqui uma fábrica de fazer os fósforos. Depois levaram a fábrica aí não sei para onde e aqui fizeram uma coisa qualquer. Disseram assim:

- "Bem feita! Bem feita!"

Mas já não me lembra histórias. Já não tenho cabeça para isso.

## **Histórias de bruxas e lobisomens**

Agora já nem há nada disso, mas primeiro havia o lobisomem. Um lobisomem é um homem que tem um poder. Dá-lhe aquilo e ele tem que ir correr sete freguesias numa noute. Sei lá, é um condão. Às vezes, diz-se assim:

- "Olha, aquele é como o lobisomem! Tem que ir correr sete freguesias numa noute."

Aqui na Benfeita, há uma parede alta ao pé do café. Passava aí um. Para lhe ir embora aquele condão que ele tinha de ser lobisomem, tinham que o picar com uma aguilhada. Um dia subiram ali para um quintal e, quando ele ia a passar, deixam cair a aguilhada e picaram-no. O que é picaram-no num lado que ele ficou coxo. Mas também já nunca mais teve aquele condão. Ficou curado. Isto contava a minha sogra e aquela velhota, a dos Anjos, também já tem dito. Com certeza nasciam com aquele poder. Naquele tempo, diziam que, se nascerem sete rapazes, todos rapazes, sem haver uma rapariga, um é lobisomem. Mas, se puserem a um deles o nome de Maurício, já não vai ter aquele poder de ser lobisomem. Mas tem que ser Maurício. Ou o sétimo ou um qualquer.

## **"Dizia que eram bruxas quando elas iam morrendo"**

*Assim como os lobisomens, também havia bruxas. Primeiro não diziam que havia bruxas? Pois havia! Havia um homem nas Luadas. Tinha uma junta de bois. E, de manhã, levantava-se cedo. Iam roçar o mato e ele trazia uma carrada de mato. E as bruxas andavam a dançar numa eira em cima e escangalharam a carrada do mato toda. Ele ia no carro e disse:*

*- "Vocês têm que me enfaixar o mato todo. Senão, eu amanhã vou dizer que vocês que são todas bruxas, que vocês que me escangalharam o mato!"*

*Elas lá andaram de roda dele, de roda dele. Mas depois ele disse-lhes o Pai Nosso ao para trás. Elas não puderam sair dali. Começava-o ao para trás. Onde acabava a Ave Maria, que acaba agora, era onde começava. E ao para trás prendia as bruxas. Elas já não se iam embora. Tinham que ficar ali. Só quando lá lhes disse o Padre Nosso bem é que elas foram embora. Depois o homem que as lá encontrou só as descobriu, só dizia que elas que eram bruxas, quando elas iam morrendo. Quando morria uma, ele dizia:*

*- "Olha, aquela era bruxa!"*

*Morria outra:*

*- "Olha, aquela era bruxa!"*

*Ainda lá tem filhos e netos esse homem.*

## **"Partiam-no aos dias e às noutes"**



### **Albertina Anjos, a amassar o pão**

Antigamente, para moer a farinha, era nos barrocos. Aqui neste barroco "pia cima"<sup>2</sup> há ainda muitos moinhos. Se calhar já caíram, mas havia lá muitos moinhos, que ia-se lá de noite levar o milho. Era a água. Não é como agora em electricidade. Eu não tinha um moinho, mas tinha parte nele. Ajuntava-se gente

<sup>2</sup>por aí acima

e faziam um moinho. E depois, quando morriam os familiares, tinham dois ou três ou quatro filhos. Cada um ficava lá com a sua parte. Depois partiam-no aos dias e às noutes e cada um ia moer a farinha para cozer o pão naquele tempo que lhe pertencia.

Eu tenho feito muita vez a broa. Então, a gente tem o milho, mói a farinha. No fim da farinha moída, peneira-a para uma gamela, assim com uma peneira. E, no fim de ela estar peneirada, a gente vai e amassa-a com água à medida. Punha-lhe, então, o fermento. No fim de ela estar lêveda, ia pô-la para o forno. Ele aquecia e lá a cozia. Depois tirava-se a broa já feitinha para se comer. Eu por acaso até tenho dois fornos, mas primeiro só havia lá um forno nas Luadas. Toda a gente ali ia cozer. Era de dia e de noute que ele estava a trabalhar. Depois cada um começou a fazer o forno para si e muitos compraram estes moinhos eléctricos. Agora, é diferente de primeiro, como é o dia da noute. Até tenho fotografias que me tiravam a pôr e a tirar o pão no forno. E fazíamos um bolo com chouriço e com um bocado de carne. Aquilo era tão bom... Hoje nem sabe assim.



**Albertina Anjos e Marcelo Gonçalves (marido), a cozer o pão**

## **O Relógio da Paz**

Aqui na Benfeita temos o Relógio da Paz. No dia 7 de Maio, dá 1600 badaladas! Foi quando acabou a Guerra. Já não é da minha lembrança, mas aquela velhota, a Maria dos Anjos, essa sabe. Quando acabou a Guerra, ninguém sabia que tinha acabado. Mas um homem, que era aqui da Benfeita, era lá dos

ministros e soube. Depois ninguém sabia no mundo e aqui já se sabia. Então, fizeram ali Relógio da Paz para dar as 1600 badaladas. Foi por causa de acabar a Guerra. Nesse dia, até dar as 1600, ali está tam, tam, tam... Oh, mais de uma hora ou duas. Ah, pois está. Até se diz:

*"Todos os anos, juro  
Dia 7 de Maio  
Não esquecerá."*

### ***Avaliação "Para saberem como é que se vivia primeiro"***

Acho importante que os mais novos saibam como é que era antigamente. É para saberem como é que se vivia primeiro. Agora é melhor, mas primeiro eram tempos difíceis e maus. Ainda hoje digo aos meus netos: "Olha, é assim desta maneira. Antigamente era assado. Vocês agora nem sabem como a gente passou!" E eles gostam de saber. Tenho um que está este ano a acabar o último ano da Universidade e ele gosta de saber estas coisas também.